



## DEVIRES MULHERES NO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA: SEMEANDO VIDAS

Clarice Gomes de Almeida<sup>1</sup>  
Dulce Mari da Silva Voss<sup>2</sup>

### Resumo

Nesse trabalho trago fragmentos de experiências que vivi com outras mulheres no Assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra (RS), procurando mapear os diferentes modos de existência daquelas que compõe as lutas do MST. Busco desmistificar a concepção de gênero feminino enquanto sujeito de subalternidade em relação ao gênero masculino, pois esse discurso cria uma totalidade binária que anula as diferentes possibilidades de existências e atuação de mulheres nas lutas sociais do campo. Argumento que o tornar-se mulher acontece com a singularização de experiências vividas nas relações e territórios existenciais nos tempos presentes. Processos de subjetivação que dão conta de criar devires.

**Palavras-chave:** Mulheres. MST. Devir.

### Unindo as pontas do afeto e da ciência

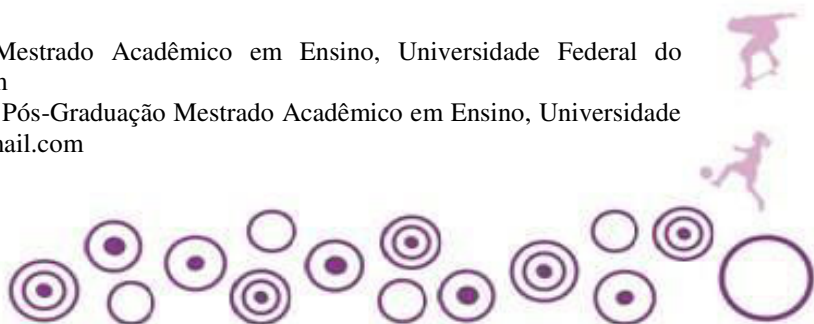
Debulhar o trigo [...] Forjar no trigo o milagre do pão. E se fartar de pão [...] Afagar a terra. Conhecer os desejos da terra. Cio da terra, a propícia estação. E fecundar o chão (CHICO BUARQUE; MILTON NASCIMENTO, 1977).


Eis aqui o anúncio de um trabalho, fruto de uma amorosa inspiração por ter nascido no seio de relações baseadas no afeto e cruzamentos de histórias de vida. Um trabalho que deseja ser uma tentativa de “unir as pontas do afeto e da ciência” expressão essa de uma letra de música que fala do professor da escola do campo cujo autor é Olavo Loreto, um amigo pessoal, grande letrista e pensador das causas sociais com quem muitas vezes dialoguei sobre esse trabalho e que muito me encorajou a seguir em frente, desbravando os caminhos da pesquisa.

Para isso escolhi a linha de análise da Filosofia da Diferença e, inspirada em Deleuze e Guattari (2012), crio um modo rizomático de olhar para a história de mulheres do Assentamento Conquista da Fronteira. Traço um território aberto à análise das relações entre

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino, Universidade Federal do Pampa/Campus Bagé, claric.gomes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino, Universidade Federal do Pampa/Campus Bagé, dulce.voss@gmail.com





o lugar e os sujeitos mulheres que o habitam, entendendo que esses processos acontecem de modo complexo e múltiplo. Mapear esse território sempre em vias de se desterritorializar implica em buscar compreender os movimentos que desenham essa trama em constante transformação.

Nessa linha de análise, que não nega os agenciamentos produzidos nas relações de poder e saber e estabelecem regimes de verdade acerca das posições ocupadas e das identificações estipuladas, desenho um devir mulher minoritário que escapa à ordem social estabelecida.

Só há sujeito devir como variável desterritorializada da maioria, e só há termo *médium* do devir como variável desterritorializante de uma minoria. O que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. Você não se desvia da maioria sem um pequeno detalhe que vai se pôr a estufar, e que lhe arrasa (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 93).

Persigo um pensamento rizomático em direção à uma micropolítica que traça linhas que conectam multiplicidades, mas que também criam desvios, reconfigurando as relações entre os sujeitos e os modos como emergem singularidades nesse plano de imanência.

### **O tornar-se mulher: as experiências**

A força dos movimentos sociais, sobretudo do MST, está nas lutas em defesa da vida e do direito a terra travadas por homens e mulheres. Lembro aqui, Margarida, Rose e tantas outras que fizeram história e até derramaram seu sangue nessa luta. Essa força feminina as vezes silenciosa ou silenciada é a força da vida, a seiva que faz a vida brotar.


Concebo as lutas do MST como uma produção rizomática que de forma constante e intensa abre múltiplas linhas, sem começo nem fim, onde os acontecimentos são tecidos pelas forças que desenraizam e provocam movimentos em diferentes direções.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.[...] *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49).

Falando de um tempo histórico em que se constitui o território Conquista da Fronteira, penso nas mulheres assentadas, Nilva, Neuza, Neuzele, Jose, Ely, Olga, mulheres guerreiras que com seus fazeres, perfumes e sabores, constituem a estética da existência na história do MST.

Por estética da existência, há que se entender uma maneira de viver em que o valor moral não provém da conformidade com um código de comportamentos,





nem com um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita [...] A estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder (FOUCAULT *apud* CASTRO, 2016, p. 150-151).

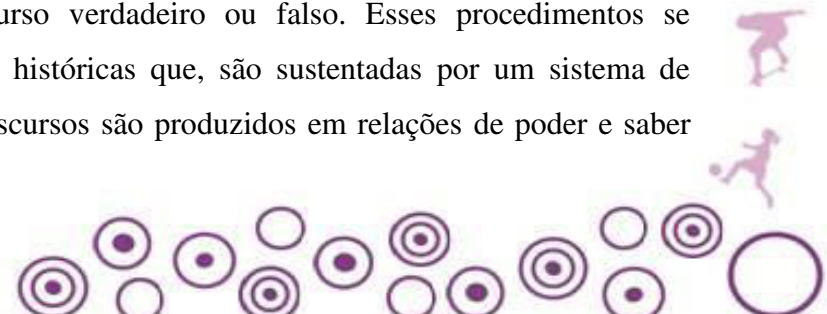
Assim, essas mulheres silenciosas produzem diferentes histórias no seio dos seus lares, semeiam e cultivam seus jardins e pomares, fazem pão e sabão no cotidiano de suas vivências, cuidam dos filhos, da terra, tiram leite e apascentam o gado. Mesmo na dureza do cotidiano não perdem o brilho no olhar, brilho da esperança de quem semeia e acredita nas alvoradas. Vislumbra-se como por encanto a beleza singular em cada rosto em cada sorriso de quem caminhou por estradas empoeiradas embaixo do sol e amassando barro nos invernos rigorosos.


Mulheres, esposas, mães, filhas, irmãs, professoras que escrevem no cotidiano as suas histórias, atravessadas por múltiplos acontecimentos com suas rupturas e descontinuidades, produzem diferentes subjetividades.

Busco fundamentar minha análise dos processos pelos quais essas mulheres produzem suas histórias e seus territórios existenciais nos estudos de Foucault que, em suas primeiras pesquisas, escreve sobre a objetivação do sujeito do discurso nas ciências modernas, (Gramática, Filologia, Linguística, História Natural, Biologia); num segundo momento, o estudo da objetivação do sujeito dividido no seu “eu” e em relação aos outros e, finalmente, os últimos estudos se deram no domínio da sexualidade em relação aos processos pelos quais os homens aprenderam a se conhecer como sujeitos de sexualidades (FOUCAULT, 1985; 1999; 2010).

Partindo desses estudos, considero que para investigar os processos de subjetivação de mulheres Sem Terra, é necessário pensar nessa constituição que cria um outro pela diferença. Logo o conceito de heterotopia é fundamental para assumir essa perspectiva investigativa que percebe o outro, ou seja, os muitos outros que se constituem nas relações sociais e humanas, trazendo à tona a diferença como viés de análise.

Portanto, os processos de subjetivação que objetivam os sujeitos e produzem determinadas posições assumidas ou não por eles acontecem por meio de um certo número de procedimentos discursivos como as interdições que conferem a alguns o direito privilegiado ou exclusivo de sujeito falante e a exclusão que estabelece a separação e a oposição entre os sujeitos dotados ou não de um discurso verdadeiro ou falso. Esses procedimentos se organizam em torno das contingências históricas que, são sustentadas por um sistema de instituições que as impõe. Assim, os discursos são produzidos em relações de poder e saber





sempre sujeitas a modificações, deslocamentos. Essas relações produzidas na vida social, cultural e política não ocorrem sem que sejam exercidas pressões e resistências (FOUCAULT, 1996).

Num processo de tantas construções rizomáticas, fazem do cotidiano a renovação da vida. São belas por si só, parecem renascer a cada dia, pois não param de sonhar e crer em dias melhores para si, para seus companheiros e filhos.

Em meio às agruras do cotidiano está o ser mulher Sem Terra, carregando no ventre e no olhar as dores e as alegrias produzidas nesse viver e fazer da própria subjetividade. Entre o plantar e colher, o tempo de espera gestacional silencioso que requer paciência, perseverança e resistência.

### **Semeando em tempo de cio da terra**

Nesse trabalho, deixei deslizar as emoções que me afetam quando olho para histórias de vida de mulheres do MST que habitam ou habitaram o Assentamento Conquista da Fronteira. Meu olhar de pesquisadora vai além de uma simples análise de suas histórias, misturo-me a essas histórias, provando dos sabores do leite ao pão com mel, deixando penetrar nas narinas esses múltiplos aromas: o cheiro do pão de forno, do leite recém tirado, do perfume dos jasmims da primavera que florescem em todas as estações, dando sabor aos meus dias fazendo-os mais floridos no desabrochar das rosas vermelhas que hoje também enfeitam minha janela do amanhecer ao pôr do sol. Sabores, cheiros, imagens, canções que atravessam meus sentidos, e agem como forças inspiradoras dessa escrita.

Inspirada em Deleuze (2012) penso as mulheres do assentamento como um devir flores e frutos contidos na semente que brota na terra, composição de diferentes estratos abertos aos intensos fluxos que penetram e transformam constantemente a própria vida em seus ciclos, no tempo do cio que emana das estações e luas.

Falar dessas mulheres que também me constituem através dos fazeres e vivências compartilhadas em diferentes momentos, torna essa escrita um território fértil de devires, forças que pulsam numa sementeira da vida.

Compus aqui minha trama de histórias e experiências cotidianas nesse lugar que me leva a desfrutar de tudo isso com o sentimento de gratidão a vida como diz Mercedes “*Gracias a la vida que me ha dado tanto*”.





## Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, 2. ed. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, 2. ed. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France (02/12/1970). 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 5-70.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**: Curso em Collège de France (1981-1982). Tradução: Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

